

# Por uma crise da imagem, agora

*For an image crisis, now*

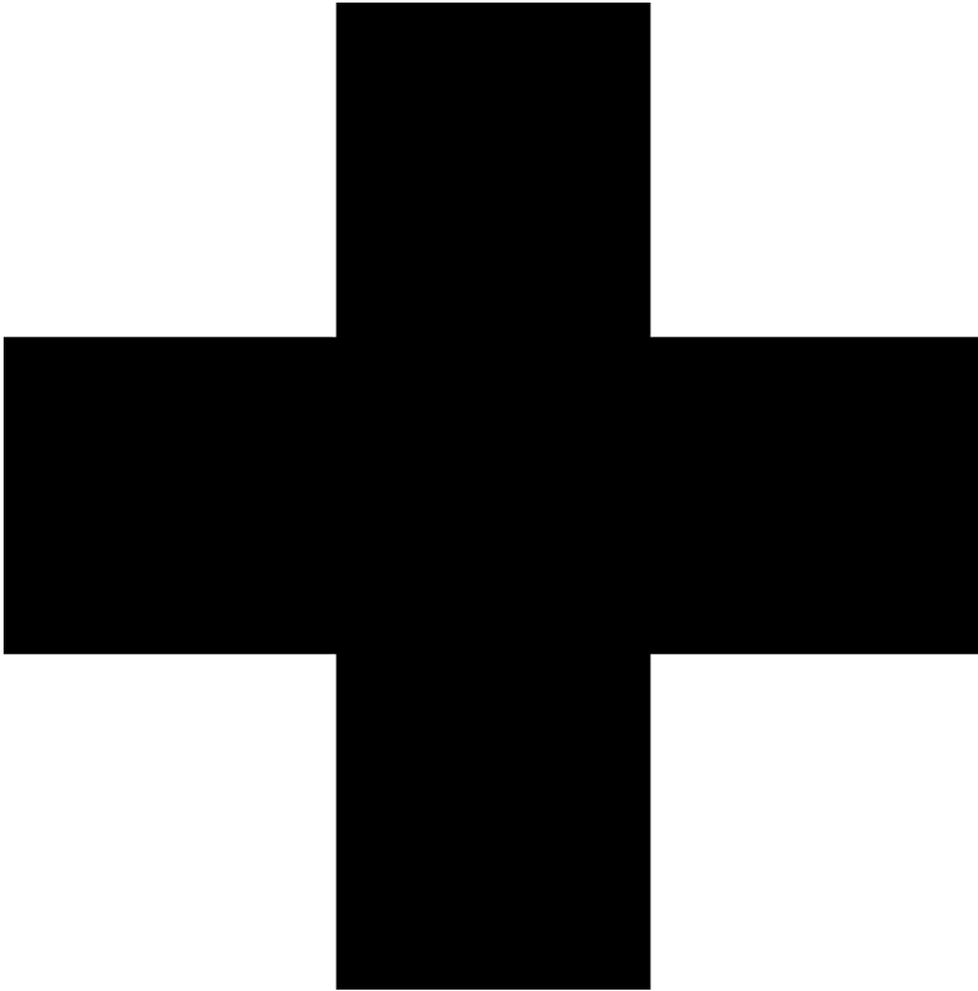
Nicolas Soares (MAES)

**Resumo:** Neste texto, volta-se para a relação entre imagem, cultura e identidade, ao elaborar as formas como a imagem influencia a construção de imaginários sociais e como ela pode sustentar ou se opor às estruturas de poder. Desta forma, desafia a narrativa da imagem idealizada, que muitas vezes exclui os sujeitos subalternizados e racializados. Reforça a provocação de contestar e interromper as estruturas de representação que regulam os corpos e as subjetividades, reafirmando a necessidade de uma tomada decolonial da cultura e da história. O texto quer revisar a complexidade da representação, confrontando as imagens de regulação dos corpos e subjetividades, enquanto explora a dessemelhança e os estigmas culturais associados a elas.

**Palavras-Chaves:** imagem. cultura. subjetividade. colonidade. fotografia.

**Abstract:** *In this work, the focus is on the relationship between image, culture, and identity, examining how images influence the construction of social imaginaries and how they can support or oppose power structures. This challenges the narrative of the idealized image, which often excludes marginalized and racialized subjects. It emphasizes the provocation to contest and interrupt the structures of representation that regulate bodies and subjectivities, reaffirming the need for a decolonial approach to culture and history. The text aims to review the complexity of representation by confronting the images that regulate bodies and subjectivities, while exploring the dissimilarity and cultural stigmas associated with them.*

**Keywords:** *image. culture. subjectivity. coloniality. Photography.*



Nicolas Soares. O amor é um campo de batalha; eu te chamo da encruzilhada, 2019

Quando se aponta a crise da imagem em correspondência, de forma indissociável, corrobora uma crise da identidade. Suas estruturas se apoiam na construção de imaginários sob-regime da cultura. A imagem em seu problema pictórico-narrativo não estrutura mais a representação no desejo de ser verdade - na semelhança, contudo não se liberta da superfície e do engodo da visualidade em sua pregnância.

À imagem e semelhança, criou-se a dessemelhança. A figura teúrgica de Jesus regimenta tornar deus a corporeidade humana. A imagem de deus - inalcançável e inexistente -, arbitrariamente toma forma na humanidade, cravada entre subjetividade e cultura. O arquétipo máximo da representação ocidental

é orquestrado de liturgias a favor de uma narrativa que a respalde e anteceda. O imaginário cristão antevê a imagem de Cristo, em contrapartida a imagem de Cristo sustenta sua posição devocional. O quadrado preto sobre fundo branco, não contesta, em síntese, a representação (aos cuidados litúrgicos). A forma geométrica quer refigurar a IMAGEM HIERÁTICA apontando seu problema pictórico, no entanto sem escapar de seu pictorialismo e do imbróglio da dessemelhança - ao fundo, a mitologia se articula e transforma o quadrado preto no *sudário de Verônica*.

A despeito de Malevich e a tentativa de estilizar o figurativo, o rosto impregnado no quadrado preto e simbolizado em sua narrativa, sustenta o ícone mesmo sem o seu semelhante à altura, o Cristo dufampiano, por sua vez, elaborado por Boris Groys (2015), se desloca da imagem ordinária do humano para o imaginário de um campo sagrado. O rosto reconhecível de um Cristo só se torna possível quando o espaço demiúrgico institucionaliza o homem em sua imagem como deus. O que se torna possível também, é figurar no rosto de um homem (aqui se entende a especificidade fenotípica deste homem) como caráter máximo da humanidade e escavar esta Última Trincheira (Benjamin, 1935), no rosto de Cristo, como legítima defesa de seu poder. Pois que só se pôde cogitar a imagem através do dispositivo espectral da ressurreição, na impressão de única matriz sobre linho e no eterno valor de culto na superexposição do agente-reductor em óxido de ferro.

A trincheira, esta, é posta por traços de *rostidade* (Deleuze; Guattari, 1980) específicos. O rosto de Cristo, mais uma vez, não se presta a ser apenas uma imagem alegórica da fé, individualizado - nome próprio; ele define o território no qual força a neutralidade a favor dos aparelhos de poder que regulam as subjetividades, a fim de uniformizar as paisagens acordadas a uma realidade dominante. O totalitarismo da imagem de deus, na corporeidade humana, identifica e afirma estigmas da cultura. Constrói-se à imagem de deus uma identidade fixa, rígida, autoritária, ocidental, européia, colonizadora, racializadora do homem - que demarca as dicotomias e ilumina os contrastes, o centro e as periferias, delibera o humano e o desumano em *corpus* divinos e demonizados. E este poder centralizado em uma epistemologia europeia, é que garante a distância e a constituição de um outro. O epicentro da cultura hegemônica ainda vigente regra não somente os corpos, como também a consciência da subjetividade, da afetividade e do próprio amor. Ao *corpus* subalternizado e racializado foi negado o *ser* e o *sentir*. No desígnio da imagem e semelhança de deus foi destituída a humanidade de relutados sujeitos.

Miríade de imagens alguma, não é regulamentada senão por *Sua Imagem*. O desejo de se ver em totalidade, está alinhado ao desejo de ser devotado. A iconografia sacra do homem completa o requinte do investimento narcísico perverso. O ruído narcísico da imagem divina do homem reconhece único reflexo

e neste reflexo único se lança infinito a confiar compartilhar-se da imagem de deus. A imagem do desejo, então, criminaliza os corpos subalternizados e racializados; a imagem do desejo só permite que a cor do amor seja imaculada. O desejo da brancura esconde em seu interior o gérmen de negrume. Menos a sua dualidade justaposta, senão o obstinado *involucramiento* de uma imagem de poder iluminadamente branca sobre as relações dos corpos, das subjetividades, ordenando as políticas dos afetos e a reificação de corpos alhures.

Para a vigência da imagem é preciso que a superfície se duplique. Tem-se na *negação de Pedro* a tripla revolta do diante aos olhos, já que foi preciso a imagem espectral ser impressa em seu duplo. No imaginário do duplo, a descrença se reforça na dupla imagem e tem em *Tomé, O Incrédulo* a reivindicação do referente como testemunho, não só de sua materialidade e existência, como também do reconhecimento da imagem em sua representação fantasmática. É o engodo da imagem: ser enganado pela imagem - que põem os devotos à submissão da representação autocrática. Ser enganado pela imagem é ser enganado pela superfície, por este *involucramiento*. O martírio de Édipo, por exemplo, não diz respeito somente à tomada de poder diante da predestinação oracular, seu autoflagelo ao perfurar os olhos condena que foi traído pela visão, ludibriado pela imagem. Este *trompe-l'oeil* escapa em sentido da representação da imagem do amor decalcada na superfície do outro. Édipo foi enganado no jogo duplo da representação: pela imagem e pelo imaginário [do amor].

O Édipo negro é enganado pela alvura do *involucramiento*. O autoflagelo do sujeito racializado e subalternizado por esta operação broca a visão numa *paixão* que padece no irrealizável. O Complexo de Édipo organiza o sistema de representações que autoriza e desautoriza - interdita - a elaboração libidinal negociada entre o desejo e a lei (Souza, 1983). O que se entende envolto da grande imagem da representação ocidental é um *Ego Ideal* (Souza, 1983) que se instaura como ordem - e isso está na Cultura (na política que regula os corpos e as subjetividades), nos arquétipos erigidos por uma imageria dominante. De encontro, a falácia da imagem do desejo amoroso que se estrutura na superfície está forjada no *Ideal de Ego* (Souza, 1983), exatamente no jogo duplo da representação que articula desejo e cultura figurados em apenas um *ideal de imagem* - sacramentada. É na ordem do imaginário, que o sujeito opositor (ao sujeito humanizado soberano) - o negro - é interdito da imagem e de seu ânimo de alcançá-la. A este desejo, pois, irrealizável, não foi permitido que se reconhecesse em retorno na superfície.

Está negado a este sujeito, subordinado à grande imagem, a possibilidade de elaboração de sua consciência subjetiva, afetiva - ser e sentir -, está negado o amor e ser amado, estão negadas todas as manifestações (no que tange o conflito e o sintoma) sensíveis da humanidade. Ao sujeito do contraste não foi atribuída imagem alguma, ou melhor, o apagamento da imagem em branco sobreposta

tintura preta - irrefletida. O sujeito sem reflexo não ilumina e nem se reconhece, parece se formar como uma contraimagem que reforça a negação de tudo o que a imagem não é, e nem se presta. A contraimagem não seria a imagem contra - inversa, mas sim a imagem a ser contra.

Neste combate reside a crise da imagem. Stuart Hall (1992) já apontou sobre a descentração de uma identidade rígida, fixa e imutável da ideia de sujeito no passado; sobretudo à formação do sujeito cultural; na alienação colonial. A crise está pressuposta da incerteza do entendimento de si na estruturação regulamentar do sujeito em sua humanidade. Uma crise da identidade, já visualizada desde os sujeitos modernos, só está sendo organizada nos tempos de agora, no *echo* narcísico de devoção à projeção da própria imagem nas águas paradas da cultura. Porém este reflexo romantizado não espelharia a todos seu amor à própria imagem. Tampouco, mesmo uma imagem. Pois entendeu-se, que está no encontro com o duplo – a imagem em sua equivalência – que se endereça e reside o amor. O contraponto da correspondência romântica interpretada por Fanon (1952), apresenta a falácia da imagem em seu apelo devocional: à luz da alvura da imagem ideal, eclipsaria o fato incontornável de seu negrume, em retorno sempre escuro, preto, negro e irrefletido. Do pecado original de ser negro – não amarás; aos sujeitos irrefletidos nenhuma imagem lhe figurará o amor.

Impregnada, a imagem forja o desejo, contorna o imaginário do amor que necessita de uma superfície para se alastrar. Toda ela reivindica presença. A devoção negociada da piedade de se receber em retorno a imagem superexposta, estourada, alva, pálida, sob a luz difusa do ideal. Na maldição de *Cam* predestinou-se, à revelia, a subordinação não apenas de corpos incomparáveis, e sim a reprodutibilidade da não-imagem, da imagem inegociável, do sujeito sem rosto, sem pele e sem cor.

Contra a mitologia da imagem insurrecionará a crise. Se a grande imagem cristã delibera sobre a existência de qualquer imagem, é, pois, no campo aberto da imagem que se abolirá o seu reflexo. A imagem em sua função de representação é que deve ser estilhaçada. Não dar-se-á a ver mais. Pois romperemos, qualquer artifício mimético que sobrepõe o jogo duplo entre imagem e amor; entre o imaginário e a forma, entre a ideia de um deus e um corpo a que se possa corresponder. Tampouco ajoelharemos frente a quaisquer imagens, ou mesmo a um retábulo vazio – ausentar a imagem não elimina sua pregnância em termos narrativos, toda ela sobrevive em um espaço que reclama a sua presença. É esta presença que devemos nos opor ao adentrar o templo inexorável dos ídolos e sua ordem pedagógica. Crer na imagem é acreditar na subordinação do afeto em extensão até o outro, este outro equivalente só se presta à possibilidade do afeto quando existe a convicção de um duplo a se projetar. O que acontece àqueles onde não há imagem-alguma? Qual amor é dedicado aos que não estão no regimento opressor da semelhança?



Nicolas Soares. A última trincheira; A imagem emparedada. KaaysaArtResidence, São Sebastião de São Paulo; 2020

O AMOR É UM CAMPO DE BATALHA para nós, que não cessamos de lutar neste cativeiro<sup>1</sup> de nosso corpo; O AMOR É UM CAMPO DE BATALHA contra inimigos visíveis e invisíveis deste mundo tenebroso; O AMOR É UM CAMPO DE BATALHA em todas suas tentativas de driblar as instâncias que estancam o sujeito na condição de subalterno ao próprio desejo.

1. Se cativar é subjugar, estou enclausurado no *site-specific* de meu corpo [pele superfície], em estado e permanência de como, onde e com quem posso negociar o meu desejo.

Se cativar é seduzir, meu corpo é este cativeiro em que seus limites abeiram minha defesa e meu acesso ao outro [ao corpo do outro/desejo]; é ao mesmo tempo distanciamento-limite e aproximação-amparo.

Se permitis que me entristeçam  
 Se permitis que me abandonem  
 Se permitis que me insultem  
 Se permitis que me persigam  
 Se permitis que me humilhem

Se permitis que me vitimem;

O AMOR É UM CAMPO DE BATALHA.

Do temor de ser humilhado  
Do temor de ser desprezado  
Do temor de ser rejeitado  
Do temor de ser caluniado  
Do temor de ser esquecido  
Do temor de ser ridicularizado  
Do temor de ser escarnecido  
Do temor de ser injuriado  
Livrai-me.

O AMOR É UM CAMPO DE BATALHA para nós que clamamos e bradamos:  
Proteja-nos! Guia-nos! Defenda-nos!

O AMOR É UM CAMPO DE BATALHA quando tenho que sofrer as  
inclemências do tempo;

O AMOR É UM CAMPO DE BATALHA quando sinto arder em meus membros  
o fogo da febre;

O AMOR É UM CAMPO DE BATALHA quando interiores desolações tenham  
obscurecido e nublado meu espírito;

O AMOR É UM CAMPO DE BATALHA quando me vejo precisando reprimir  
a vivacidade de meu caráter;

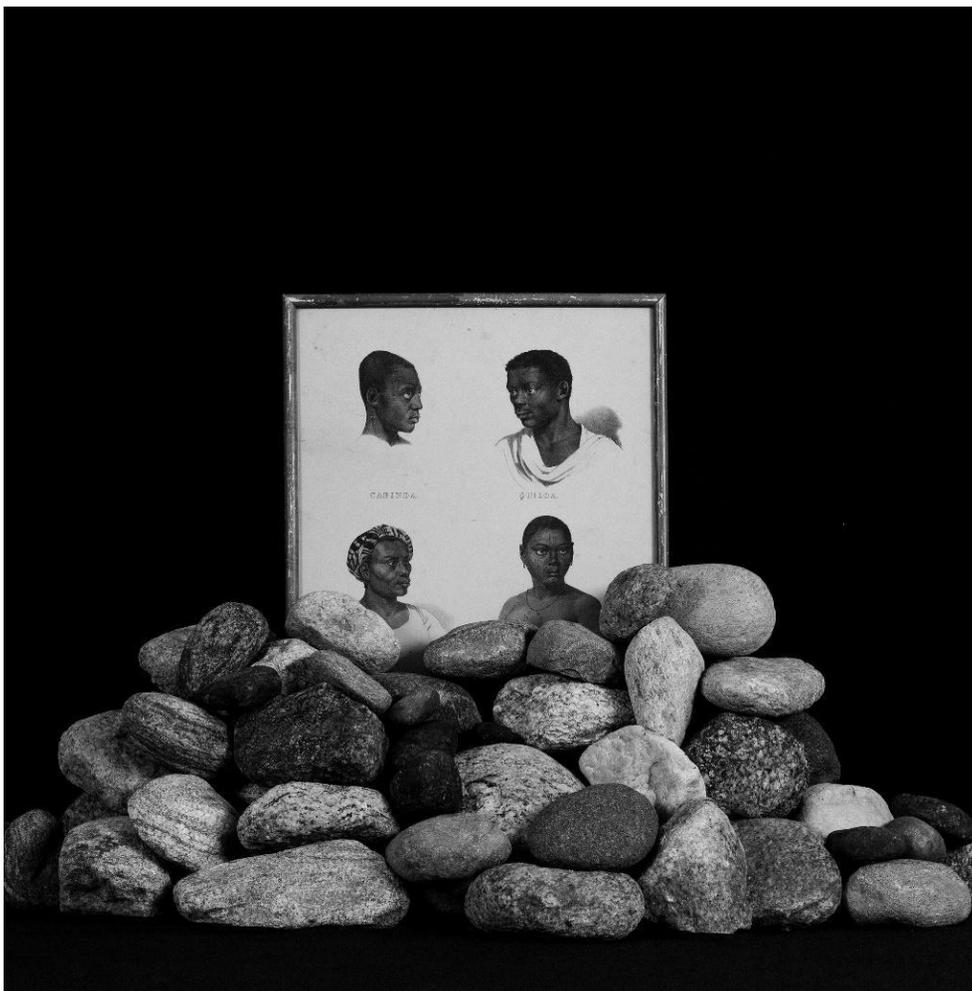
O AMOR É UM CAMPO DE BATALHA quando me vejo feito carga pesada  
para mim e para os demais;

O AMOR É UM CAMPO DE BATALHA quando apesar dos meus esforços,  
volto a cair nas mesmas faltas;

O AMOR É UM CAMPO DE BATALHA quando a secura interior parece  
extinguir em mim todo fervoroso desejo;

Ergo este desmedido altar, e confio numa foto, pois nela restauro meu  
desejo. Pois nela permaneço no sagrado silêncio das paixões; glorificando  
a justa presença egrégia. E devoto a fé na imagem técnica: pois amo o que  
em si [em mim] se torna eterno desta adoração.

Bendito sejas Tu, que tudo vem a existir por Teu verbo e tudo vem a adorar  
por Tua Imagem.



Nicolas Soares. A última trincheira [retrato de rugendas]; KaaysaArtResidence, São Sebastião de São Paulo; 2020

ERGUEREI TRINCHEIRAS CONTRA TI  
e Tua imagem será ressentida como a de um espírito que se encontra  
debaixo da terra  
e Tua imagem será ressentida pelo pó do chão  
ERGUEREI TRINCHEIRAS CONTRA TI  
em pedra sobre pedra  
aprontadas como um exército em ordem de batalha

//TE SITIAREI//

//TE SITIAREI//  
//TE SITIAREI//

ERGUEREI TRINCHEIRAS CONTRA TI  
e Tua imagem será ressentida na imagem irrefletida  
e Tua imagem será ressentida pela égide da memória  
ERGUEREI TRINCHEIRAS CONTRA TI  
em pedra por pedra armada  
em campo de batalha do amor

//TE SITIAREI//  
//TE SITIAREI//  
//TE SITIAREI//

ERGUEREI TRINCHEIRAS CONTRA TI  
por latria da imagem não-duplicada, reconhece-se em pedra por pedra  
edificada  
por tumba não cerrada, identifica-se a Tua imagem não-significada  
por imagem não-devotada, impugna-se o amor em sua última trincheira

## Nicolas Soares

Mestre em Artes (UFES), Artista, pesquisador, curador e gestor cultural. Sua pesquisa se concentra na representação do íntimo sobre a percepção dos corpos através da imagem técnica e nas manifestações da subjetividade na arte contemporânea, abordando questões relacionadas à homossexualidade, à racialidade e às políticas do afeto. Coordenador da Galeria Homero Massena (2019 a 2022). Diretor do Museu de Arte do Espírito Santo (2022 - atual).

ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2948-1413>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8958635299075428>